

O Capital – Crítica da Economia Política

Capítulo 4

Transformação do dinheiro em capital

Resumo do capítulo III sobre o dinheiro

Na análise do dinheiro, Marx distingue:

Funções básicas do dinheiro: medida de valores e meio de circulação. D é aqui o meio que permite a produção e a circulação mercantil; ambas funções têm como referência, estritamente, $M - D - M$.

Funções do dinheiro como fim: entesouramento e meio de pagamento. Aqui D permite **interrupções e a acelerações da circulação e da produção mercantil**; ambas as funções mostram já uma transição entre $M - D - M$ e $D - M - D'$

Anotações

Notem que o entesouramento permite a acumulação “absolutamente social da riqueza” ou do “penhor social”.

E que a função de meio de pagamento implica a acumulação das dívidas e dos créditos, ou seja, penhores privados.

Notem que acumulação aqui mostra já a subordinação concreta do homem ao valor (o dinheiro perde mais um pouco da sua “inocência”).

O vem agora?

Agora, o dinheiro vai aparecer como **forma e momento do capital** – ou seja, dinheiro como capital (valor que se valoriza; sujeito automático, fim por si mesmo).

Aqui a referência da análise vem a ser
D – M – D'.

Aparência e essência

Notem que $M - D - M$ e $D - M - D'$ são formas da circulação de mercadorias que coexistem na economia mercantil capitalista.

$M - D - M$ é **forma da aparência** e $D - M - D'$ é **forma que manifesta a essência**.

Tem-se, portanto, mais uma vez, uma **unidade de contrários**.

Transformação do dinheiro em capital

Este capítulo é composto por **três seções**:

1. A fórmula geral do capital;
2. Contradições da fórmula geral;
3. Compra e venda de força de trabalho.

A fórmula geral do capital

Nessa seção, Marx estuda o circuito

$D - M - D$

(sem linha, por enquanto)

Pressuposto histórico

Marx começa pelo pressuposto histórico do capital:

“A circulação de mercadorias é o **ponto de partida do capital**. Produção de mercadorias e circulação desenvolvida de mercadorias, comércio, são os pressupostos históricos sob os quais ele surge. Comércio mundial e mercado mundial inauguram no século XVI a moderna história da vida do capital.”

Pressuposto lógico

Passa logo depois para os pressupostos lógicos do capital:

“Abstraiamos o conteúdo material da circulação de mercadorias, o intercâmbio dos diferentes valores de uso, e consideremos apenas as formas econômicas engendradas por esse processo, então encontraremos como **seu produto último o dinheiro**. Esse produto último da circulação de mercadorias é a **primeira forma de aparição do capital**.”

Formas de circulação

“Dinheiro como dinheiro e dinheiro como capital diferenciam-se primeiro por sua forma diferente de circulação.”

Ou seja: $M - D - M$ e $D - M - D$.

Identidade e diferença

$D - M - D$, tal como $M - D - M$, têm duas fases antitéticas que formam uma unidade:

$D - M$ e $M - D$.

No primeiro, porém, “o resultado, em que todo o processo de apaga, é a troca de dinheiro por dinheiro, $D - D$ ”. Isto já mostra que “seria insosso [...] **permutar o mesmo valor em dinheiro por igual valor em dinheiro [...]**”

Identidade

“Examinemos, antes de tudo, o que é comum a ambas as formas”.

“Ambos os ciclos se decompõem nas **mesmas fases contrapostas**, M – D, venda, e D – M, compra. Em cada uma das duas fases se confrontam ... **mercadoria e dinheiro** – duas pessoas, nas mesmas mascaras econômicas, um comprador e um vendedor...”

Diferença

“O que, no entanto, separa de antemão ambos os ciclos M – D – M e D – M – D é a sucessão inversa das mesmas fases contrapostas de circulação...”

Ora, os fins são diferentes e os personagens mudam: **o que as mascaras econômicas escondem?**

Vai e volta: o refluxo

Eis que $D - M - D$ envolve um **refluxo do dinheiro** e esse refluxo indica já a diferença entre o **dinheiro como dinheiro** e o **dinheiro como capital**.

“Na circulação $M - D - M$, o gasto do dinheiro nada tem, pois, a ver com seu refluxo. Na circulação $D - M - D$, pelo contrário, o refluxo do dinheiro é determinado pelo modo de seu próprio gasto. **Sem esse refluxo, a operação está fracassada...**”

Lógica de crescimento

Esse refluxo não é trivial, mas possui inerentemente uma lógica de crescimento:

“A forma completa desse processo é, portanto, $D - M - D'$, em que $D' = D + \Delta D$, ou seja, igual à soma de dinheiro originalmente adiantado **mais um incremento.**”

A mais-valia

“Esse incremento ou o excedente sobre o valor original, [eu o] chamo de – mais-valia (surplus value). O valor originalmente adiantado não só se mantém na circulação, mas altera nela a sua grande de valor, acrescenta mais-valia ou se valoriza.”

“E esse movimento transforma-o em capital”.

Uma primeira nota

Notem, agora, que o sentido de $D - M - D'$ só se revela inteiramente na seguinte fórmula que envolve **ciclos descontínuos e fechados compondo um "ciclo aberto" e contínuo:**

$$\begin{aligned} & D - M - D' \dots D' - M - D'' \\ & \dots D'' - M - D''' \dots D''' - M - D'''' \\ & \dots D'''' - M - D''''' \dots D''''' - M - D'''''' \dots \end{aligned}$$

Uma segunda nota

Notem que há ciclos $M - D - M$ dentro desse "ciclo" aberto. Notem que $D - M - D$ não poderia existir se não houvesse, também, ciclos $M - D - M$. Tem-se aqui já uma expressão da **contradição em processo**: processo de valorização por meio de um processo de produção de valores de uso.

Nas palavras de Marx

“Dinheiro surge de novo no fim do movimento como seu início.”

“O fim de cada ciclo individual, em que a compra se realiza para a venda, constitui, portanto, por si mesmo o início de novo ciclo.”

“A circulação simples de mercadorias – a venda para a compra – serve de **meio para um objetivo final que está fora da circulação**, a apropriação de valores de uso, a satisfação de necessidades.”

O capital é insaciável

...um objetivo final que está fora da circulação...

Que objetivo?

“A circulação do dinheiro como capital é, pelo contrário, uma **finalidade em si mesma**, pois a valorização do valor só existe dentro desse movimento sempre renovado. Por isso **o movimento do capital é insaciável**”.

O capitalista

“Como portador consciente desse movimento, o possuidor de dinheiro torna-se capitalista. Sua pessoa, ou melhor, seu bolso, é o ponto de partida e o ponto de retorno do dinheiro. O conteúdo objetivo daquela circulação – **a valorização do valor – é a sua meta subjetiva**, e só enquanto apropriação crescente da riqueza abstrata é o único motivo indutor de suas operações, ele funciona como capitalista ou capital personificado, dotado de vontade e consciência.”

Uma advertência

“O valor de uso nunca deve ser tratado, portanto, como meta imediata do capitalismo. Tampouco o lucro isolado, mas apenas o incessante movimento do ganho.”

O demente e o racional

“Esse impulso absoluto de enriquecimento, essa caça apaixonada ao valor, é comum ao capitalista e ao entesourador, mas enquanto o entesourador é apenas o capitalista demente, o capitalista é o entesourador racional.”

“A multiplicação incessante do valor, pretendida pelo entesourador ao pretender salvar o dinheiro da circulação, é alcançada pelo capitalista mais esperto ao entregá-lo sempre de novo a circulação”.

Dinheiro e mercadoria como formas do capital

Na circulação simples, a forma dinheiro assumida pelo valor das mercadorias media apenas o intercâmbio.

“Na circulação $D - M - D$, pelo contrário, [...] mercadoria e dinheiro funcionam apenas como modos diferentes de existência do próprio valor; o dinheiro é o seu modo geral e a mercadoria é o seu modo particular, por assim dizer apenas camuflado, de existência.”

Sujeito automático

O capital “passa continuamente de uma forma para outra, sem perder-se nesse movimento, e assim se transforma num **sujeito automático**. [...] De fato [...] o valor se torna aqui o **sujeito de um processo** em que ele, por meio de uma **mudança constante das formas de dinheiro e mercadoria, modifica a própria grandeza.**”

Autovalorização

Como ele a modifica?

“Enquanto mais-valia se repele de si mesmo; enquanto valor original, se **autovaloriza**. Pois o movimento, pelo qual ele adiciona mais-valia, é seu próprio movimento, sua valorização, portanto, autovalorização”.

Dinheiro: forma privilegiada

“Como sujeito usurpador de tal processo, em que ele ora assume, ora se desfaz da forma dinheiro e da forma mercadoria, mas se conserva e se dilata nessa mudança, o valor precisa, antes de tudo, de uma forma autônoma, por meio da qual sua identidade consigo mesma é constatada. E essa forma ele só possui no dinheiro.”

A amizade do dinheiro e da mercadoria

“Mas o próprio dinheiro vale aqui apenas como uma forma do valor, pois ele tem duas. Sem assumir a forma de mercadoria, o dinheiro não se torna capital. O dinheiro não se apresenta aqui, portanto, polemicamente contra a mercadoria, como no entesouramento.”

Transição

Nessa seção, Marx fez uma análise qualitativa do movimento do capital. Examinou, por isso, $D - M - D$.

Mas se trata mesmo de $D - M - D$?

Não simplesmente; de fato, $D - M - D'$, um movimento quantitativo.

Um final feliz?

Notem que o valor de uso é a meta mediata e que o valor é que é a meta imediata do capitalismo. Notem, também, que essa última meta desdobra-se infinitamente no tempo. Pode-se pensar, então, em fechamentos possíveis para o “ciclo aberto e infinito” do capital:

D *ex-ante* passa a ser igual a D *ex-post* $\Rightarrow$ estado estacionário

D é suprimido historicamente pela luta

D se auto aniquila (fim da humanidade).